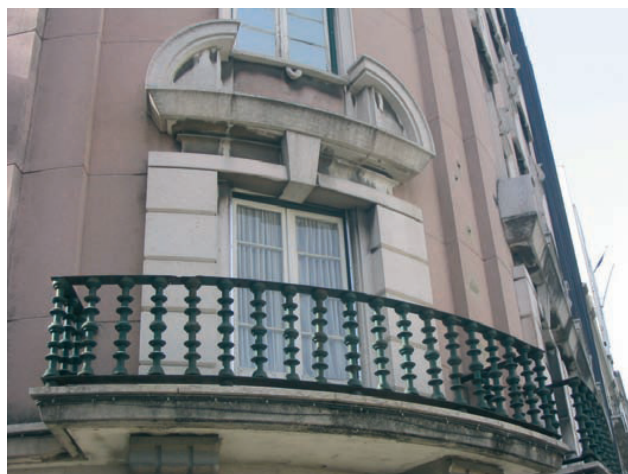


Os gradeamentos de ferro nas fachadas

ou o ritmo forjado da arquitectura



1 e 2 - Do séc. XVI ao séc. XX, a varanda de balaústres em ferro foi motivo recorrente nas fachadas. Palácio dos Condes de Alvor (séc. XVII), R. das Janelas Verdes (esquerda). Prédio "Português Suave", na Av. Fontes Pereira de Melo, n.º 25 (direita)

Mantendo os seus núcleos urbanos mais antigos em alvéolos históricos, Lisboa cresceu a partir da Idade Moderna sob a direcção de sucessivos planos urbanísticos que foram rasgando o território, desde a segunda metade do século XVIII, em largas avenidas e desafogadas ruas.

A imagem que construímos de Lisboa, à parte dos núcleos medievais e renascentistas, é maioritariamente a da cidade moderna desenhada "a régua e esquadro", onde a arquitectura se submete ao plano urbanístico. Este conceito de cidade teve no Bairro Alto o seu momento fundacional em Lisboa, tendo sido adoptado, de uma forma sistemática, como modelo racional de estruturação urbana, a partir do planeamento e construção da Baixa Pombalina. Assim, numa arquitectura que se quer urbana e funcional, alguns artificios foram sendo usados para dotar as vias urbanas de um maior sentido estético, onde a construção progressi-

vamente massificada de prédios de rendimento corria o risco de se tornar monótona.

O gradeamento de ferro – em portões, janelas de sacada, *bow-windows*, varandas, floreiras, ... – foi o elemento de eleição para nobilitar e ritmar a arquitectura corrente e dotá-la activamente de uma interferência com a vivência urbana. Marcando os limites do privado e do público, os gradeamentos de ferro tornam ao mesmo tempo, com a sua transparência, fluidas as relações entre interior e exterior. E, a um nível macroscópico, estes ornamentos identificam módulos urbanos inteiros de prédios de rendimento, dotando-os daquilo a que Kevin Lynch nomeia de "continuidade" / "unidade temática"⁽¹⁾ e diferenciando-os, consequentemente, na teia complexa que estrutura a imagem total da cidade.

Os gradeamentos de ferro, com as suas características fundamentais – robustez, linearidade e restrição no desenho,

com recorrência aos valores da repetição sistemática de motivos e à simetria – foram sendo usados na arquitectura monumental e corrente, religiosa e civil, com um carácter mais ou menos funcional ou decorativo. Porém, é sobretudo na arquitectura civil que se observa a evolução formal do ferro forjado, pela razão óbvia dos exemplos se multiplicarem até à infinitude, caracterizando ruas e bairros inteiros.

A partir do século XVI, os gradeamentos de ferro desenvolvem-se, com inspiração nos balaústres de pedra. Sendo o ferro um material menos oneroso que a pedra e, certamente, mais leve, o seu uso nas varandas e balcões dos palácios quinhentistas e seiscentistas facilitava a nobilitação das fachadas, sendo que o efeito seria talvez menos distinto, mas igualmente identificador de uma arquitectura ligada ao poder: o balcão/varanda teve sempre (até à sua vulgarização) uma conexão, mesmo que subreptícia, com a afirmação de uma per-



3 - Palácio pertencente à Ordem de S. Francisco de Paula, R. das Janelas Verdes



5 - Prédio de rendimento beaux-arts da R. Pinheiro Chagas, n.º 28



6 - Prédio de rendimento art déco da R. Tomás Ribeiro, n.º 93

sonalidade. Neste sentido, os varões cilíndricos ou facetados de ferro alinham-se vertical e paralelamente, em regra austera, a imitar o balaústre nobre de pedra, fazendo uso de pequenos nós ou "bilros" (um ou vários sobrepostos) a meio das barras (Foto 1).
 Todavia, a sua vulgarização em janelas desacada, como parte da definição normativa da arquitectura, verificou-se apenas a partir do período pombalino. Perpetuando os modelos austeros quinhentistas e seiscentistas dos balaústres, os gradeamentos assumem então o papel de ritmar uma arquitectura rígida, submetida ao planeamento



4 - Neste prédio de rendimento da Av. D. Carlos I é notável a alternância e a cor dos gradeamentos das sacadas, que "forjam" o ritmo da fachada principal, quebrando a sua monotonia e dotando-a de um notável sentido estético e urbano

urbano, e tornam-se uma componente reiterada na construção corrente.

A par deste modelo formal vão-se infiltrando, nas fachadas, as tipologias mais livres de combinação dos ornamentos, de influência francesa e italiana, que animam a arquitectura com a gracilidade rococó e neoclássica (Foto 3): os intervalos entre os varões são invadidos por motivos de enrolamentos e de espirais, que, em movimentos graciosos, se combinam com motivos vegetalista, zoomórficos, de inspiração arquitectónica (arcos, cartelas), em infinitas composições, suportando no centro, não raras vezes, o brasão identificador do proprietário.

O século XIX traz consigo a técnica do ferro fundido, que os advogados do forjado normalmente rejeitam pela monotonia que a facilidade do trabalho imprimiu às obras. De facto, predomina a linha recta, sobre a qual se vazam motivos planificados de inspiração arquitectónica (arcarias neogóticas, por ex.), numa repetição e simetria massivamente padronizada, mas de inegável sentido rítmico quando aplicadas no jogo de níveis da arquitectura corrente (Foto 4). De carácter intrinsecamente mais decorativo é o ferro *beaux-arts* e o *art nouveau*, que recorrem a elementos formais orgânicos estilizados para dotar os edifícios de uma imaginação exuberante (Foto 5). A arquitectura de ferro em Portugal, embora de manifestação tímida, é preferencialmente explorada nas traseiras

dos edifícios: erguem-se, assim, estruturas de ferro exógenas ao corpo do edifício, que servem de varandas e de escadas de serviço (Vila Berta), criando microcontextos de vivência urbana.

A reinterpretação estética destes elementos funcionais (portas e varandas) é feita no período modernista da arquitectura. O prédio de rendimento *déco* e o modernista ("estilo cassiano") vulgarizam-se, qual norma instituída, na construção em massa da habitação lisboeta. Nestas fachadas, a varanda ganha a expressão *déco* com a padronização de novos motivos em formas que continuam as linhas rectas da fachada (Foto 6) ou, já em pleno modernismo, a varanda de betão de topos boleados é rematada por varões cilíndricos que a acompanham. Neste período, são também as portas que inovam: superfícies lisas e opacas, em ferro, elas recortam motivos geométricos de grande sentido estético, nobilitando a fachada. A partir dos anos 40, os varões de balaústre serão recuperados por um revivalismo "Suave", que, voltando *ab initio*, fecham o ciclo artístico do uso dos gradeamentos de ferro com carácter ornamental nas fachadas (Foto 2).

Notas:

⁽¹⁾ Kevin Lynch, *A imagem da cidade*, p. 76.

CÁTIA MARQUES,
 Historiadora da Arte, Assessora de Direcção
 do GECORPA